

Possíveis implicações da concepção tukano de *língua* para a análise gramatical¹

Dora Savoldi (USP/SP)

Evani Viotti (USP/SP)

Palavras-chave: Tukano; ontologia; semiótica

A Linguística se desenvolveu a partir dos preceitos de epistemologia da Modernidade, contribuindo para reforçar o viés colonial imposto à análise de línguas não-indoeuropeias. Recentemente, a partir de sua busca por um melhor entendimento de fenômenos característicos de línguas minorizadas, ela tem buscado rever muitos de seus fundamentos, inclusive aqueles relacionados à própria definição de língua (ver Joseph 1997; Ameka 1992). Neste trabalho, propomos que tal movimento em direção à descolonização da disciplina deve levar em conta trabalhos recentes realizados no âmbito da Antropologia, que defendem uma não equívoca ontológica entre línguas (ver Course 2013; Hauck & Heurich 2018). Nesse sentido, assumimos, que língua é um conceito “equivocado” (ver Viveiros de Castro 2004), e que, portanto, *o que é língua* se define através de uma perspectiva ontológica. Tal premissa se dá em consonância com outros trabalhos sobre os povos do Alto Rio Negro, que vêm apontando que a língua, para esses povos, se encontra em um registro ontológico distinto do ocidental (e.g. Chernela 2013, 2018) e que enfatizam a ideia de que o entendimento de língua deve se inserir no registro ontológico de seus falantes (Epps & Ramos 2019). Nessa linha, buscamos avançar no sentido de determinar como a língua pode ser compreendida e analisada em uma perspectiva ontológica tukano, e como essa noção difere da concepção ocidental de língua. Nossa proposta se assenta sobre uma analogia entre o sistema de classificação ictiológico ocidental e o tukano, como mapeada por Barreto (2013). A classificação de peixes proposta por Barreto (2013) não se encerra nos peixes em si, nem na comparação de peixes com os próprios peixes, mas sim na *relação* que tais peixes estabelecem com seu entorno, com o meio ambiente e com humanos. Nossa ideia é a de que a mesma perspectiva deve valer para a classificação – e a consequente operação – dos elementos linguísticos. Propomos aqui uma discussão sobre o sentido de alguns morfemas de evidencialidade da língua Tukano, encontrados em dados de fala em interação, sugerindo

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

uma análise que não se atenha nem ao sentido estritamente linguístico de tais morfemas (Ramirez 1997), nem ao sentido do morfema em relação ao seu contexto imediato (Aïkhenvald 2004). Nossa análise procura entender a língua como parte integrante e constituinte de uma perspectiva ontológica eminentemente tukano. Vamos mostrar que a evidencialidade, em Tukano, só pode ser amplamente entendida se o envolvimento dos participantes nas estruturas que emergem na interação for levado em conta (Goodwin 2018). Esse envolvimento mobiliza questões que impõem a algumas noções que embasam a evidencialidade (e.g. visualidade vs. não visualidade) entendimentos diferentes daqueles que operam nas ontologias ocidentais.

Referências

- Aïkhenval'd, A. I. (2004). *Evidentiality*. Oxford University Press.
- Aïkhenval'd, A. I. (Ed.). (2018). *The Oxford handbook of evidentiality* (First edition). Oxford University Press.
- Ameka, F. K. (1992). Interjections: the Universal yet Neglected Part of Speech. *Journal of Pragmatics*, v. 18, n. 2-3, p. 101-118.
- Barreto, João Paulo. (2013). *Wai-Mahsã: Peixes e Humanos Um ensaio de Antropologia Indígena*. Dissertação de Mestrado, PPGAS-UFAM.
- Chernela, Janet. (2003). Language ideology and women's speech: talking community in the Northwest Amazon. *Am. Anthropol.* 105 (4), 794–806.
- Chernela, Janet. (2013). "Toward an East Tukano ethnolinguistics: Metadiscursive practices, identity, and sustained linguistic diversity in the Vaupés basin of Brazil and Colombia." In: Epps, Patience, Stenzel, Kristine (Eds.), *Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interaction in Northwestern Amazonia*, 197-244. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Índio - Funai.
- Chernela, Janet. (2018). Language in an ontological register: Embodied speech in the Northwest Amazon of Colombia and Brazil. *Language & Communication* 63.
- Course, Magnus. (2018). Words beyond meaning in Mapuche language ideology. *Language and Communication* 63:9-14.
- Epps, P., & Ramos, D. P. (2019). Hup *bi'id id*: Shamanic incantation at the nexus of language and culture. *Journal of Linguistic Anthropology*, 29(2), 205–212.
- Goodwin, Charles. (2018). *Co-operative action*. Nova York: Cambridge University Press.

- Hauck, Jan David; Heurich, Guilherme. (2018). Language in the Amerindian imagination: An inquiry into linguistic natures. *Language and Communication* 63:1-8
- Joseph, Brian D. (1997). On the linguistics of marginality: the centrality of the periphery. *Chicago Linguistics Society*, 33. p. 197–213.
- Ramos, D. P. (2018). A caminho da Cidade das Onças: Diálogos sobre sonhos no percurso para a Serra Grande-Metrópole dos Hupd'äh. *Revista de Antropologia*, 61(1), 329. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.145528>
- Viveiros de Castro, Eduardo. (2004). “Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation.” *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America* 2 (1): 3–22.